

O Livro de Joel e a Igreja Adventista do Sétimo Dia Laodiceana - Número Vinte e Um

Jeff Pippenger

2025-12-31

Número Vinte e Um

E desde o tempo em que o sacrifício diário for abolido e for estabelecida a abominação desoladora, haverá mil duzentos e noventa dias. Daniel 12:11.

Desde 22 de outubro de 1844, a aplicação do tempo profético já não é uma aplicação correta da profecia, por parte daqueles que porventura desejem dividir corretamente a palavra da verdade. O período de 1290 anos no versículo onze deve ser aplicado como um período simbólico após 1844, e a aplicação após 1844, ou de um período sem os elementos de "tempo", deve preservar a compreensão fundamental da verdade, tal como era entendida antes de 1844. Os 1290 representam um período de 30, seguido por 1260. A compreensão antes de 1844 era que os trinta anos de 508 até 538 representavam um período de preparação para que o anticristo começasse a reinar de 538 até 1798.

A transição de 30 anos é o tema de Paulo em 2 Tessalonicenses. Paulo não inclui nenhuma referência ao elemento “tempo”, mas identifica as características proféticas do paganismo cedendo lugar ao papismo nesses trinta anos. Então começou o domínio papal. A compreensão histórica, ausente de qualquer elemento de tempo, identifica a transição do quarto reino da profecia bíblica para o quinto reino, seguida pelo primeiro de dois banhos de sangue papais, tipificando assim a transição do sexto reino para a tríplice união do dragão, da besta e do falso profeta, e o segundo banho de sangue papal.

A preparação de trinta anos, seguida por um período profético, é um símbolo principal da aliança de Deus com um povo escolhido. A transição dos dois poderes ao longo dos trinta anos, que é seguida por 1260 anos de perseguição, alinha-se com os trinta anos de preparação de Cristo, seguidos de 1260 dias de salvação. A preparação de trinta anos do anticristo imitou a preparação de trinta anos de Cristo. O fim dos trinta anos identifica ou a investidura de poder de Cristo em Seu batismo, ou a investidura de poder do anticristo em 538. A investidura de poder do anticristo veio do apoio econômico e militar que veio do reino anterior, e o poder derramado sobre Cristo veio do reino anterior que Ele deixara trinta anos antes.

A ruptura entre os dois períodos é marcada por uma concessão de poder, e a ruptura nos dois períodos estabelecida por Abrão e Paulo é reconhecida por simples comparação. Na distinção de trinta anos de Abrão e de Paulo, o período de preparação foi composto pelos primeiros trinta anos, representando o processo da aliança, que capacitou os descendentes de Abrão a cumprir a profecia da escravidão no Egito. O período de quatrocentos e trinta anos tem uma divisão simbólica adicional, pois, corretamente aplicado, os primeiros duzentos e quinze anos são representados pelo representante de Deus e pelo faraó. Para José e os primeiros 215 anos, foi o faraó bom, e para

Moisés e os segundos 215 anos, foi o faraó mau.

Essa divisão identifica dois períodos de quatro gerações. As primeiras quatro gerações podem ser sobrepostas às segundas quatro gerações, linha sobre linha, e, ao fazê-lo, José e Moisés, um alfa e um ômega proféticos, interagem com um faraó bom (alfa) e um faraó mau (ômega). Há grande luz a ser derivada dessa consideração paralela, mas estou apenas identificando que a previsão de Abrão acerca da quarta geração identifica duas testemunhas das quatro gerações nos 430 anos. A representação dupla de quatro gerações encontra-se nas genealogias de Gênesis quatro e cinco. Quando consideramos Caim e Sete como o início da listagem das linhagens de sangue, constatamos que há oito gerações de Sete a Noé e que, quando essa série é dividida ao meio, há uma representação de dois períodos de quatro gerações. Isso se reconhece nas oito gerações das linhagens tanto de Sete quanto de Caim.

As genealogias dos capítulos quatro e cinco são apresentadas culminando em Noé. Noé é o símbolo da aliança de Deus com a humanidade, representada pelo arco-íris. Abrão é o símbolo da aliança de Deus com um povo escolhido, representada pela circuncisão. Essas duas alianças estão sempre vinculadas entre si, e Gênesis onze, onde encontramos a torre de Babel logo após o dilúvio de Noé, é onde a genealogia que leva a Abrão é apresentada. Nessa passagem são dez gerações, não oito. Na passagem que leva a Abrão e na passagem que leva a Noé, as alianças noaica e abraâmica estão representadas.

Na passagem do capítulo onze que se dirige a um povo escolhido, vemos que duas dessas gerações estão repletas de grande luz.

E Eber viveu trinta e quatro anos, e gerou Peleg; e Eber viveu, depois que gerou Peleg, quatrocentos e trinta anos, e gerou filhos e filhas. E Peleg viveu trinta anos, e gerou Reu.
Gênesis 11:16-19.

A referência a Éber é a primeira ocorrência da palavra hebraica que acaba sendo identificada como a palavra hebraica "hebreu". Na genealogia de um povo escolhido, um dos dez descendentes recebe o nome de Hebreu, pelo qual o povo escolhido passaria a ser conhecido. Em três versículos, Éber e Pelegue são usados para marcar a distinção do povo hebreu escolhido. Éber significa "travessia" ou "aquele que atravessa" e é a raiz da palavra "hebreu". Abrão é um símbolo daqueles que atravessam da Babilônia para a Terra Prometida. "Pelegue" significa "divisão" ou "cisão", conforme Gênesis 10:25, onde somos informados de que, nos dias de Pelegue, a "terra foi dividida".

Éber e Pelegue representam uma divisão profética para aqueles que desejam dividir corretamente a palavra da verdade. A genealogia de Noé produziu duas linhagens de oito, que representavam dois conjuntos de quatro gerações, assim como ocorre com os 430 anos no Egito. A genealogia de Gênesis onze é representada por dez, não por oito, pois é a genealogia de um povo escolhido. O povo escolhido é dividido em dois grupos de cinco, alinhando-se assim com a parábola das dez virgens, que é a parábola do povo da aliança de Deus.

Naquela genealogia do povo escolhido, o nome de Peleg e seu cumprimento histórico representam uma divisão em duas classes: virgens prudentes e virgens insensatas, exatamente no ponto da história bíblica em que a terra havia sido dividida na torre de Babel. Na lista de dez, Peleg é o número cinco, pois está no meio de dez. Eber, o hebreu, tipificado por Abram, representa uma virgem insensata que passa a ser uma virgem prudente, quando as duas classes são divididas ao clamor da meia-noite. Eber, o primeiro hebreu de nome, representa Abram, o primeiro hebreu pela aliança. Quando o Senhor chamou Abram para sair da Babilônia, isso tipificou a mensagem do clamor da meia-noite, que é o fortalecimento do segundo anjo, que chama homens e mulheres para fora da Babilônia.

A parábola das dez virgens é representada com Eber e Peleg representando um chamado para sair, pouco antes de a linha divisória de Peleg fechar a porta do período de prova. Na relação profética, Eber viveu 430 anos depois de Peleg, que então viveu 30 anos. O primeiro passo da aliança tríplice de Abram foi representado por Eber e Peleg. Abram, como Eber, e Peleg como a linha divisória entre duas classes. O acréscimo de Paulo à profecia de Abram é o acréscimo de Peleg à profecia de Eber. Eber proclamou 400 anos, mas Peleg identificou 430 anos. Peleg, portanto, representava Paulo; e Paulo acrescentou 30 anos aos 400 anos, e o ministério de Paulo era identificar o “Peleg” da profecia bíblica. O “Peleg” da profecia bíblica que Paulo identificou representava a divisão da nação, do literal para o espiritual.

De Shem a Peleg há cinco descendentes, e de Rue a Abram há cinco.

E disse a Abrão: Sabe, por certo, que a tua descendência será estrangeira numa terra que não lhes pertence, e os servirá; e a afligirão por quatrocentos anos. Gênesis 15:13.

Ora, a Abraão e à sua descendência foram feitas as promessas. Não diz: E às descendências, como falando de muitas; mas como de uma só: E à tua descendência, que é Cristo. E digo isto: a aliança anteriormente confirmada por Deus em Cristo, a lei, que veio quatrocentos e trinta anos depois, não a pode invalidar, para tornar a promessa sem efeito. Porque, se a herança é da lei, já não é da promessa; mas Deus a concedeu a Abraão por promessa. Gálatas 3:16-18.

Trinta anos de idade

Jesus tinha trinta anos quando começou seu ministério.

E o próprio Jesus tinha então cerca de trinta anos de idade, sendo (como se supunha) filho de José, o qual era filho de Heli. Lucas 3:23.

José começou a servir ao faraó no Egito quando tinha trinta anos de idade.

E José tinha trinta anos quando se apresentou diante de Faraó, rei do Egito. E José saiu da presença de Faraó e percorreu toda a terra do Egito. Gênesis 41:46.

O profeta Ezequiel tinha trinta anos quando começou seu ministério, e seu ministério durou vinte e dois anos.

E aconteceu, no trigésimo ano, no quarto mês, no quinto dia do mês, estando eu entre os cativos, junto ao rio Quebar, que se abriram os céus, e tive visões de Deus. Ezequiel 1:1.

Ezequiel tem mais referências históricas em seus escritos do que qualquer outro profeta. Há treze referências diretas a datas determináveis nos escritos de Ezequiel e, sem saber, os estudiosos da Bíblia e os historiadores confirmam que seu ministério durou vinte e dois anos, embora não saibam que vinte e dois é um símbolo dos cento e quarenta e quatro mil.

O rei Davi tinha trinta anos quando começou a reinar e reinou por quarenta anos.

Davi tinha trinta anos quando começou a reinar, e reinou quarenta anos. Em Hebrom, reinou sobre Judá sete anos e seis meses; e em Jerusalém reinou trinta e três anos sobre todo Israel e Judá. 2 Samuel 5:4, 5.

Os quarenta anos do reinado de Davi constituem um número simbólico, e o período de 40 anos é como os 430 anos de Abrão e de Paulo, pois os 40 anos se dividem em duas partes (7 anos e meio e 33 anos). Os dois períodos do reinado de quarenta anos de Davi apresentam um enigma profético adicional, pois outra testemunha bíblica registra esses dois períodos como sete anos e trinta e três anos. O que representam os seis meses extras em Segundo Samuel, e como 7,5 e 33 somam 40? Há uma sobreposição de seis meses que deve representar uma verdade profética.

E os dias em que Davi reinou sobre Israel foram quarenta anos: sete anos reinou em Hebrom e trinta e três anos reinou em Jerusalém. 1 Reis 2:11.

22 é um número simbólico que representa a combinação da Divindade com a humanidade, e o ministério de Ezequiel durou vinte e dois anos. Os quatorze anos de José dividem-se em dois períodos de sete anos; a semana da aliança de Cristo divide-se em dois períodos iguais de 1260 dias; e o reinado de quarenta anos de Davi é dividido em dois períodos, com um símbolo adicional ligando os dois períodos.

Jesus é o Profeta, o Sacerdote e o Rei. Nos últimos dias Ele erguerá Sua igreja triunfante como um estandarte, e essa igreja é representada por Cristo, o profeta, sacerdote e rei, que uniu Sua Divindade aos homens, estes representados por Ezequiel, o profeta, José, o sacerdote, e Davi, o rei. Os quatro símbolos representam três varões na fornalha que foi aquecida sete vezes mais do que o normal, e então apareceu o quarto, e Ele era como o Filho de Deus. Todo o mundo estava representado na celebração da imagem de ouro de Nabucodonosor, e todos viram a igreja triunfante composta por um profeta humano, um sacerdote humano e um rei humano, sustentada pela quarta Pessoa Divina.

"Satanás levou o mundo cativo. Introduziu um sábado idólatra, aparentemente atribuindo-lhe grande importância. Roubou ao Sábado do Senhor a homenagem do mundo cristão em favor desse sábado idólatra. O mundo se prostra perante uma tradição, um mandamento de origem humana. Como Nabucodonosor erigiu sua imagem de ouro na planície de Dura e assim se exaltou, assim também Satanás se exalta nesse falso sábado, para o qual roubou as insígnias do céu." Review and Herald, 8 de março de 1898.

O Número Quatro

No nível profético, quarenta é o dízimo dos quatrocentos de Abrão, e quatro é o dízimo de quarenta. Qualquer característica profética encontrada no número quatro deve estar alinhada com o simbolismo de quarenta, que por sua vez deve estar alinhado com o simbolismo de quatrocentos. No contexto, o número quatro frequentemente representa "mundial", um entendimento comum, mas também representa "uma progressão" e, em alguns contextos, uma "destruição progressiva".

As quatro primeiras das sete trombetas representam a destruição progressiva da Roma Ocidental. A Roma Oriental em Constantinopla culminou em submissão aos quatro sultões otomanos. Pouco a pouco, a Roma Oriental e a Roma Ocidental desintegraram-se progressivamente ao longo de quatro períodos, representados por quatro trombetas, ao mesmo tempo em que também eram derrubadas pelo Islã das quinta e sexta trombetas. Juntas, as duas linhas identificam a queda de Roma ao longo de quatro gerações de trombetas, enquanto uma guerra em escalada com o Islã leva ao colapso final quando os quatro sultões do Islã assumem a supremacia sobre o reino. A história do Ocidente e do Oriente começou com a divisão do Império por Constantino em 330.

As quatro trombetas de Roma Ocidental começam em 330, e a quinta e a sexta trombeta representam o poder que derruba a Roma Oriental; a Roma Oriental também começou em 330. Tanto a Roma Oriental quanto a Ocidental contribuíram para a obra de colocar o poder papal no trono da terra em 538; assim, as duas linhas, ocidental e oriental, tipificam os dois chifres dos Estados Unidos; este recoloca o poder papal no trono na lei dominical. Roma Ocidental é o símbolo do poder eclesiástico na relação profética, e Roma Oriental é o símbolo do poder civil.

Na história da queda da Roma ocidental e oriental, apresenta-se a história da Roma papal. Começando com a igreja dos discípulos, representada por Éfeso, as três primeiras igrejas conduzem à quarta igreja, que é o papado de 538 até 1798. Em Apocalipse 13, o papado é identificado como governando por 42 meses, depois que sua ferida mortal de 1798 é curada na lei dominical. "O tempo já não será" depois de 1844, portanto os quarenta e dois meses são um símbolo do período de perseguição desde a lei dominical até que Miguel se levante. Os pioneiros entenderam que as igrejas, os selos e as trombetas representavam três linhas de história que correm paralelas entre si. Sobrepor o testemunho profético da Roma ocidental à linha da Roma oriental e à linha da Roma papal não é uma aplicação profética empregada pelos mileritas, mas a técnica não contradiz nenhum de seus entendimentos estabelecidos.

Linha sobre linha, as quatro primeiras trombetas devem ser superpostas à história representada pela quinta e pela sexta trombeta, e depois à linha das três primeiras igrejas que conduz ao período de perseguição papal representado pela quarta igreja. Quatro trombetas na primeira linha, quatro sultões na segunda linha e quatro igrejas na terceira linha. O número "quatro" representa abrangência mundial, mas também representa uma destruição progressiva de um poder civil ou religioso. O que ele representa é determinado pelo contexto.

Na lei dominical, o poder papal é restaurado. Na primeira vez em que o papado foi investido de poder, houve um período de trinta anos de preparação. Nas primeiras quatro igrejas, a quarta igreja é o papado, e a primeira igreja era a dos discípulos, representada por Éfeso. As três primeiras gerações da igreja cristã conduziram à quarta igreja, Tiatira, que é representada por Jezabel.

Quando se chega a Tiatira, em 538, uma lei dominical foi promulgada no Concílio de Orleães, identificando assim a lei dominical nos Estados Unidos, quando a ferida mortal de 1798 é curada.

A história de 1798 até a lei dominical nos Estados Unidos é representada pelas primeiras quatro igrejas. A quarta igreja, Tiatira, é a lei dominical e a perseguição papal que se segue. A primeira igreja, Éfeso, a igreja que perdeu o primeiro amor, culminou, ao término da destruição progressiva em quatro etapas, na lei dominical de Tiatira. A geração que conduz à lei dominical de Tiatira é a terceira geração de Pérgamo. Tiatira representa a lei dominical até o fechamento da porta da graça, e Pérgamo representa a transigência da terceira geração que prepara o caminho para Tiatira. A terceira geração de Pérgamo, e a transigência que ela representa, cumpriu-se pela primeira vez no tempo de Constantino, que promulgou a primeira lei dominical em 321. Os Estados Unidos começaram como o cordeiro de Éfeso, mas, quando colocam Tiatira de volta no trono, falam como um dragão.

A destruição progressiva dos Estados Unidos é representada pelas primeiras quatro igrejas do Apocalipse. A destruição progressiva do sexto reino da profecia bíblica ocorre ao longo de quatro gerações que levam à lei dominical, onde a besta da terra fala como um dragão. A geração final é representada pelo dragão, que é um réptil, como no Jardim do Éden, e, por essa razão, tanto João Batista quanto Jesus chamaram a última geração do antigo Israel de "geração de víboras".

A quarta e última geração é ou a “geração eleita”, representando os cento e quarenta e quatro mil, ou sua contraparte, a geração de víboras. Uma classe formou a imagem de Cristo; a outra, a imagem da besta — a serpente. A geração de víboras é apresentada diretamente quatro vezes na Palavra de Deus. O contexto em cada referência é diferente.

Mas, quando viu muitos dos fariseus e dos saduceus virem ao seu batismo, disse-lhes: Ó raça de víboras, quem vos advertiu a fugir da ira vindoura? Mateus 3:7.

Se a "geração de víboras" não passasse de alguns comentários depreciativos sobre duas seitas de pessoas de que João não gostava, então não haveria nada a dizer sobre a expressão. Mas cada palavra é sagrada dentro da Palavra de Deus, por isso João estava atribuindo uma designação específica aos saduceus e fariseus. Essa designação é definida profeticamente pelo contexto da passagem em que é expressa. Na passagem, João é identificado como cumprindo seu ministério; em seguida, os saduceus e fariseus entram na narrativa. Nos versículos iniciais, João é identificado como a "voz no deserto" de Isaías.

Naqueles dias apareceu João Batista, pregando no deserto da Judeia e dizendo:
Arrependei-vos, porque o reino dos céus está próximo.

Porque este é aquele de quem falou o profeta Isaías, dizendo,

A voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor; endireitai as suas veredas.

E o próprio João usava vestes de pelo de camelo e um cinto de couro em torno da cintura; e seu alimento era gafanhotos e mel silvestre.

Então foram até ele Jerusalém, toda a Judeia e toda a região ao redor do Jordão, e foram batizados por ele no Jordão, confessando os seus pecados. Mas, ao ver muitos dos fariseus e saduceus que vinham ao seu batismo, disse-lhes: Ó geração de víboras, quem vos advertiu a fugir da ira vindoura? Mateus 3:2-7.

A última geração do Israel antigo é chamada de "uma geração de víboras" por um profeta que veio do deserto. João é o profeta que cumpriu o papel de mensageiro de Malaquias, preparando o caminho para o Mensageiro da Aliança, e ele também era a voz no deserto identificada por Isaías.

Se considerarmos "folhas" como um símbolo, descobrimos que elas representam "profissão de fé". A primeira referência é com Adão e Eva, que cobriram sua injustiça com folhas de figueira. Antes, eles vestiam a veste de luz, a veste de justiça, mas quando ela se foi, perceberam que eram laodicenses nus, que pensam que tudo de que precisam é se esconder atrás das "folhas da profissão de fé", e tudo ficará bem. Mais adiante na passagem, João fala diretamente contra os judeus laodicenses que confiam na linhagem de Abraão para salvá-los, pois sua presunção não passava de folhas vazias da profissão de fé. As vestes de uma pessoa representam quem ela é.

As árvores são um símbolo dos homens e dos reinos, e o fruto, o ramo, a semente, o solo, a água, a raiz e, obviamente, as folhas, todos representam símbolos proféticos específicos por si mesmos, mas cada uma dessas verdades está conectada aos outros símbolos representados nas diversas linhas de profecia que empregam os símbolos proféticos que compõem uma "árvore". É claro, o primeiro simbolismo profético de uma árvore é que ela representa uma prova de vida ou morte.

A mensagem de João é representada pelas vestes que ele usava e pelo alimento que comia. O alimento profético, como o maná no início do antigo Israel ou o Pão do Céu no fim, deve ser comido. Esse alimento representa uma mensagem profética de prova que deve ser comida, pois é a carne de Cristo e o Seu sangue. As vestes que João usava e o alimento que comia identificam a mensagem e o mensageiro que preparou o caminho para Cristo. João tipifica o mensageiro final que prepara o caminho para Cristo, que é o Mensageiro da Aliança que, de repente, vem ao Seu templo na lei dominical. Quando isso acontecer, as virgens néscias, que também são laodiceanas e joio, representam a última quarta geração dos que professam ser o legítimo povo da aliança de Abraão, assim como o faziam os fariseus e saduceus, no tempo em que João surgiu do deserto.

João vestia pelo de camelo e um cinto de couro que incluía um acessório de arreio, como os animais de fazenda têm com um jugo. Ele comia e, portanto, sua mensagem era de gafanhotos, um símbolo de destaque do Islã nas Escrituras, e ele misturou sua mensagem do Islã com o mel.

E a casa de Israel deu-lhe o nome de Maná; e era como semente de coentro, branco; e o seu sabor era como obreias feitas com mel. Êxodo 16:31.

Maná é um símbolo da Palavra de Deus e tinha gosto de mel, que os profetas identificam como o sabor da mensagem, sendo eles representados como comendo-a. João trouxe a mensagem do Islã, representada pelos gafanhotos e por um cinto de couro de camelo e de pelo de camelo. Os gafanhotos e o camelo são ambos símbolos do Islã. Essa mensagem do Islã foi misturada com a iluminação da Palavra de Deus, que é representada como "mel".

Então disse Jônatas: Meu pai tem perturbado a terra; vede, peço-vos, como se me aclararam os olhos, porque provei um pouco deste mel. 1 Samuel 14:29.

João não representava simplesmente uma mensagem do Islã; ele veio do deserto, como Elias; e João não comia mel, comia mel silvestre, pois ele, assim como Cristo, não foi instruído nas instituições de sua época, que tinham o seu próprio mel de mensagem, representado pelo fermento dos fariseus e saduceus. João comia mel do deserto, pois foi instruído pelo Espírito Santo fora das instituições religiosas de sua época. O cinto típico daquela época continha um mecanismo de dobradiça ao qual se amarrava a veste de pelos de camelo. A dobradiça representa João, que foi o ponto de virada do santuário terreno para o santuário celestial.

O profeta João foi o elo de ligação entre as duas dispensações. Como representante de Deus, ele apresentou-se para mostrar a relação da lei e dos profetas com a dispensação cristã. Ele era a luz menor, que seria seguida por uma luz maior. A mente de João foi iluminada pelo Espírito Santo, para que ele pudesse iluminar o seu povo; mas nenhuma outra luz jamais brilhou nem jamais brilhará tão claramente sobre o homem caído quanto aquela que emanou do ensino e do exemplo de Jesus. Cristo e Sua missão tinham sido apenas vagamente compreendidos, como tipificados nos sacrifícios que eram sombras. Nem mesmo João havia compreendido plenamente a vida futura, imortal, por meio do Salvador. O Desejo das Eras, 220.

A veste charneira de João é introduzida exatamente no momento do batismo de Cristo, que foi o ponto de virada, representado pelo lugar onde João batizava. Esse lugar chamava-se Bethabara, significando "travessia de balsa", e é o próprio lugar onde o antigo Israel entrou na Terra Prometida ao sair do deserto, assim como João havia feito.

Claro, quem João está representando é o movimento dos cento e quarenta e quatro mil, mas estamos apenas apontando que, quando Jesus foi batizado, foi aquela geração que Ele e João chamaram de "geração de víboras". Jesus veio para magnificar a lei dos Dez Mandamentos de Deus, e Ele inspirou cada palavra da Bíblia; portanto, quando Ele chama a geração final do Israel antigo de geração de víboras, Ele sabe muito bem que o segundo mandamento identifica o juízo que está sendo cumprido na terceira e na quarta geração.

A terceira e a quarta gerações representam um juízo progressivo que termina na quarta geração, que é a geração de víboras. O batismo de Cristo tipifica 11 de setembro. A geração laodiceana dos Adventistas do Sétimo Dia está em sua geração final desde então. A mensagem de João aos fariseus e saduceus era a mensagem laodiceana.

Mas, ao ver que muitos fariseus e saduceus vinham ao seu batismo, disse-lhes:

Ó geração de víboras, quem vos advertiu para fugir da ira vindoura?

Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento: E não penseis dizer em vós mesmos: Temos Abraão por pai:

porque vos digo que Deus pode, destas pedras, suscitar filhos a Abraão.

E agora também o machado está posto à raiz das árvores; portanto, toda árvore que não dá bom fruto é cortada e lançada ao fogo. Eu, na verdade, vos batizo com água para arrependimento; mas aquele que vem depois de mim é mais poderoso do que eu, de cujas sandálias não sou digno de carregar; ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo. A pá está na sua mão, e ele limpará completamente a sua eira, e recolherá o seu trigo no celeiro; mas queimará a palha com fogo inextinguível.

Então veio Jesus da Galileia ao Jordão, ter com João, para ser batizado por ele. Mateus 3:7-13.

Jesus veio da Galileia, o que simboliza um ponto de virada de acordo com a dobradiça do cinto de João e com o significado de Bethabara. A obra de João de preparar o caminho havia então se transformado na obra de Cristo de confirmar a aliança. Os trinta anos de preparação haviam terminado e os três anos e meio antes e depois da cruz começaram.

A mensagem de João foi um alerta sobre a ira que estava por vir na destruição de Jerusalém, uma destruição que também representa o fim do mundo e as sete últimas pragas. Essa mensagem de advertência foi enquadrada no contexto do Islã e foi proferida por um homem que não apenas cumpriu o papel do mensageiro de Malaquias que prepara o caminho e da voz no deserto de Isaías, mas também a mensagem de Elias, pois as vestes de João se assemelhavam às de Elias, assim como a mensagem de João se assemelhava à de Elias.

E disse-lhes: Que espécie de homem era o que veio ao vosso encontro e vos disse estas palavras? Responderam-lhe: Era um homem peludo, e cingido com um cinto de couro aos lombos. E ele disse: É Elias, o tisbita. 2 Reis 1:7, 8.

Se perguntassem acerca de João, e não de Elias, “que espécie de homem era ele?”, receberiam a resposta: “um homem peludo, cingido com um cinto de couro em volta dos lombos.” Todo o ministério de seis meses de João está representado na passagem em que a quarta e última geração é especificamente identificada e definida. A mensagem laodiceana dirigida a eles ataca diretamente a pretensão de serem o povo da aliança de Deus e os adverte da ira vindoura, ilustrada por um machado golpeando as raízes das árvores. A mensagem incluía que Cristo concluiria o processo de prova que começou com João. Mais adiante em Mateus, Jesus também chama os judeus de “uma geração de víboras”, e retoma a ideia do tema de João de derrubar uma árvore, explicando o porquê.

Ou tornei a árvore boa, e o seu fruto bom; ou tornei a árvore má, e o seu fruto mau; porque a árvore é conhecida pelo seu fruto. Ó geração de víboras, como podeis, sendo maus, falar coisas boas? porque a boca fala do que está cheio o coração. O homem bom, do bom tesouro do coração, tira coisas boas; e o homem mau, do mau tesouro, tira coisas más. Mas eu vos digo que de toda palavra ociosa que os homens disserem hão de dar conta no dia do juízo. Porque por tuas palavras serás justificado, e por tuas palavras serás condenado. Mateus 12:33-37.

O dia do juízo, de acordo com o segundo mandamento, é na quarta geração. O juízo se baseia na mensagem que falamos, e essa mensagem procede de nossos corações. É a mensagem que falamos que identifica se somos a "geração eleita" de Pedro ou uma "geração de víboras". Qualquer uma das classes se manifesta na conclusão de um processo de prova em que Cristo, como o homem da

escova de sujeira, limpa o Seu chão. Assim como com o óleo na parábola das dez virgens, a mensagem é representada ou por um coração mau ou por um bom coração. A referência de Cristo acrescenta que essa geração de víboras, que é a quarta e última geração, busca um sinal, e o único sinal que lhe seria dado era o sinal de Jonas.

Então alguns dos escribas e dos fariseus responderam, dizendo: Mestre, queremos ver da tua parte um sinal. Mas ele respondeu e lhes disse: Uma geração má e adúltera busca um sinal; e nenhum sinal lhe será dado, senão o sinal do profeta Jonas. Pois assim como Jonas esteve três dias e três noites no ventre da baleia, assim o Filho do Homem estará três dias e três noites no coração da terra. Os homens de Nínive se levantarão em juízo com esta geração e a condenarão, porque se arrependeram com a pregação de Jonas; e eis que aqui está quem é maior do que Jonas. A rainha do sul se levantará no juízo com esta geração e a condenará, pois veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão; e eis que aqui está quem é maior do que Salomão. Mateus 12:38-42.

Cristo referiu-se aos judeus como uma geração de víboras, e Ele usa ilustrações de juízo, como a mensagem de Jonas e a mensagem da sabedoria de Salomão. Jesus está identificando, pelo contexto e com duas testemunhas, que a geração de víboras é a quarta geração, pois é na quarta geração que o juízo se cumpre.

Os cento e quarenta e quatro mil são o estandarte, ou o sinal dos últimos dias, assim como o são a lei de Deus e o sábado. O sinal de Jonas é o sinal da ressurreição, que para os judeus na época de Cristo foi o Seu batismo, quando o Espírito Santo desceu, representado como uma pomba. Jonas significa "pomba". Jonas, João, o Revelador, Daniel, José e Lázaro representam os cento e quarenta e quatro mil, que são ressuscitados depois de estarem mortos na rua por três dias e meio. Nesse ponto, devem passar de Laodicenses para Filadelfianos, tornando-se assim o oitavo, que é dos sete. Jonas representa o batismo, pois foi lançado na água e morreu simbolicamente quando foi engolido pela baleia. Depois, foi ressuscitado, assim como João, quando foi retirado do óleo fervente, e como Daniel, quando foi tirado da cova dos leões, e como José, quando foi tirado da cisterna, e como Lázaro, o milagre de selamento no tempo de Cristo. Os judeus não puderam ver o sinal de Jonas, como representado pela ressurreição de Cristo, com mais clareza do que o Adventismo vê o sinal de 11 de setembro, que é o sinal de Jonas.

Vamos continuar com estes temas no próximo artigo.

O peso da advertência que agora deve vir ao povo de Deus, de perto e de longe, é a mensagem do terceiro anjo. E aqueles que estão buscando compreender essa mensagem não serão conduzidos pelo Senhor a fazer uma aplicação da Palavra que minará o alicerce e removerá os pilares da fé que fizeram dos Adventistas do Sétimo Dia o que são hoje. As verdades que têm sido desdobradas em sua ordem, à medida que avançamos ao longo da linha da profecia revelada na Palavra de Deus, são hoje verdade, verdade sagrada e eterna. Os que percorreram esse terreno passo a passo na história passada de nossa experiência, vendo a cadeia da verdade nas profecias, estavam preparados para aceitar e obedecer a cada raio de luz. Eles estavam orando, jejuando, pesquisando, cavando em busca da verdade como por tesouros escondidos, e o Espírito Santo, sabemos, estava nos ensinando e guiando. Muitas teorias foram apresentadas,

com aparência de verdade, mas tão misturadas com Escrituras mal interpretadas e mal aplicadas, que levaram a erros perigosos. Muito bem sabemos como cada ponto da verdade foi estabelecido, e como o selo foi posto sobre ele pelo Espírito Santo de Deus. E o tempo todo ouviam-se vozes: 'Aqui está a verdade', 'Eu tenho a verdade; segui-me.' Mas vinham as advertências: 'Não os sigais. Eu não os enviei, mas eles correram.' (Veja Jeremias 23:21.)

As orientações do Senhor foram assinaladas, e sobretudo maravilhosas foram as Suas revelações sobre o que é a verdade. Ponto após ponto foi estabelecido pelo Senhor Deus do céu. Aquilo que era verdade então é verdade hoje. Mas as vozes não cessam de se fazer ouvir — "Isto é verdade. Tenho nova luz." Mas essas novas luzes nas linhas proféticas manifestam-se pela má aplicação da Palavra e por lançar o povo de Deus à deriva, sem uma âncora que os sustenha. Se os estudantes da Palavra tomassem as verdades que Deus tem revelado na maneira como tem dirigido Seu povo, e se apropriassem dessas verdades, as assimilassem e as trouxessem para a vida prática, então seriam canais vivos de luz. Mas os que se propuseram a estudar a fundo novas teorias apresentam uma mistura de verdade e erro e, depois de tentar tornar essas coisas proeminentes, demonstraram que não acenderam sua candeia no altar divino, e ela se apagou em trevas. Mensagens Escolhidas, livro 2, 103, 104.